Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1512unse

ANO XV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1940 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Orgão de Propaganda do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto n. 17 — Oficinas: Rua Ruy Barbosa

ESPIRITISMO E LOUCURA

(Continuação)

A feição positiva dada ao estudo da alma na fase moderna da psicologia, esta modificação científica aberta nos antigos processos de análise, tem conseguido os mais seguros resultados e proclamado provas, que a tantos séculos pareceram intangiveis.

A observação e experiência fixaram-se nestes domínios e por elas se tem atingido um grau de certeza, a que por nenhum outro modo se poderia chegar.

De ano para ano a verdade se proclama mais vigorosamente, as provas se acumulam, a conquista alarga-se e nunca mais deixará de fortificar-se com novos factos confirmativos.

Quem examina o caminho percorrido e acompanha dia a dia as novas descobertas, não tem a menor dúvida de que o estudo do espírito humano entrou na *senda* legítima, na estrada insofismavel da verdade cientìfica, e como tal a proclamam já os que a estudam e hão de proclamar quantos denodadamente a quiserem estudar.

As dúvidas e as críticas veem da ignorância, senão do interêsse ou da pseuda ciência.

Os novos conhecimentos são frutos dum trabalho indefectível, universalizado, levado a efeito por investigadores competentissimos e livres de injunções partidárias.

O estudo deste problema constitúe a máxima questão atual, interessando muitos milhões de pessoas, inclusive sábios, firmando-se indestrutível e sucessivamente num crescente número de experiências, que para sempre ficarão como pedras angulares deste majestoso edifício.

Já em 1900, no 4.º Congresso Internacional de Psicologia, dizia Myers numa doutissima memória: «Afirmo que um espírito existe no homem, sendo salutar e desejável que esse espírito se mostre capaz de se desprender parcial e temporariamente do seu organismo físico... o que permitiria ao espírito dum morto fazer uso deste organismo, temporariamente abandonado».

Os resultados obtidos por M. Durville e comunicados á «Sociedade Magnética de França» acerca do fantasma ou corpo astral dos vivos tiveram larga repercussão. Ele provou á Sociedade que o espírito é capaz de desprender-se temporariamente. Os sentidos físicos ficam completamente abolidos; os sujets nada veem pelos olhos, nada ouvem pelos ouvidos, não percebem qualquer odor pelos sentidos olfativos e não sentem nenhuma sensação de contacto.

Todas estas impressões parecem percebidas por sentidos distintos levados pelo duplo.

Para os sujets, sem exceção, o duplo é todo o individuo e o corpo físico não é nada.

«O duplo sou eu mesma, diz Leontina, o corpo é apenas um saco vasio».

Edmée dá a tal respeito uma descrição mui interessante. Respondendo a uma pergunta que lhe fiz, disse: «O corpo que tocais não é nada, é o involucro do outro.

Toda minha personalidade está na pessoa luminosa (duplo), que é o que pensa, que sabe, que opéra, e que transmite ao físico o que vos digo».

—Como devemos denominar a pessoa luminosa?—«Não é necessário dar-lhe nome especíal; é Edmée, sou eu; se a quiserdes chamar, dizei Edmée».

—Todavia cumpre que distinguamos uma da outra. Quereis convencionar que se chame *corpo astral, duplo,* pois que é vosso duplo?

— «Não, astral não. Chamai-lhe se quiserdes o duplo, e contudo não é o duplo, pois que sou eu mesma».

Interrogada a êste propósito numa outra sessão, ainda declara que o físico nada sente, nada vê, e que todas as impressões lhe são transmitidas pelo duplo, por intermédio do cordão que os liga.

«Toca-se o duplo, diz ela, as impressão de contacto vem como um choque ao cérebro físico e a sensação repercute-se nele. Quando se fala, julga-se que meu físico ouve pois que responde, mas não é assim. O físico nada ouve; quem ouve é o duplo.

A pergunta e a resposta são transmitidas pelo cordão ao cérebro físico como por um movimento, por qualquer coisa que vibra. E' tambem o duplo que vê, e a vista vem ao físico por um movimento, é como eletricidade que faz vibrar o cérebro físico e então êle vê o que o duplo viu. Todas as impressões recebidas pelo duplo transmitem-se aos centros do cérebro, mas tais centros nada percebem por eles mesmos».

Continuando a expôr o resultado de suas observações, M. Durville descreve suas experiências referentes ao *tato* e diz:

«Sabe-se que quasi todos os sujets adormecidos magneticamente são insensiveis; mas não se sabe onde a sensibibilidade se refugia.

Quando o sujet está exteriorizado, a sensibilidade irradia sempre em volta dele; e se picarmos ou queimarmos as zonas sensiveis, o sujet sente uma dôr viva e, ao contrário, absolutamente nada sente quando picamos o corpo. O mesmo se dá no desdobramento. O sujet não sente nem as picadas nem as vivas pressões feitas no corpo físico; mas experimenta uma sensação desagradavel ou mesmo dolorosa desde que tocamos o duplo ou o cordão que os liga. Este fenômeno verifica-se em todas as sessões e com todos os sensitivos sem exceção.

Torna-se escusado demonstrar este fenômeno, que resulta das experiências.

Eu e M. André fizemos com Martha a experiência seguinte, que aliás muitas vezes foi repetida pelo mesmo senhor. Colocámos diante dos olhos semi-abertos do sujet um papel impresso em grandes caracteres.

O sujet declara nada ver. Em seguida o papel foi colocado diante de varias partes do corpo, e por vezes o sujet em sonambulismo vê: pelo cimo da cabeça, pela nuca, pelo epigastro; outras vezes o sujet declara que não pode ver. O papel é levado diante do rosto do duplo, á altura dos olhos, mas a visão tambem se não realiza, igualmente não vê pelo cimo da cabeça, mas pela nuca lê sem hesitação.

O sujet desdobrado pode ver, ainda que bastante confusamente, dum aposento para o outro. «Estou no fundo do meu gabinete com Edmée, que se acha em desdobramento».

Peço a três testemunhas da experiência—Mme. Stahl, Mme. Fournier e M. Bonnet—o favor de irem para a sala das reuniões da Sociedade, e de executarem aí movimentos simples de facil descrição, para que possamos verificar se o duplo, que vou mandar a essa sala, poderá ver alguma coisa.

O Dr. Pau de Saint-Martin, coloca-se junto da janela, entre o meu gabinete e a sala para onde vão as testemunhas, afim de poder observar quasi ao mesmo tempo tanto o sujet como os atos executados pelos novos experimentadores.

—Primeira experiência—Mme. Fournier assenta-se sôbre a mesa. — E o sujet logo diz: «Vejo Mme. Fournier que está sentada sôbre a mesa».

II — As três testemunhas passeiam

pela sala e gesticulam.—O sujet diz: «Andam e fazem gestos com as mãos; não sei o que isso quer dizer».

III — Mme. Sthal toma uma brochura de sôbre a mesa, depois abre-a e apresenta-a a Mme. Fournier. — «As duas senhoras estão a ler»—diz o sujet.

IV — As tres referidas pessoas dão as mãos umas ás outras. formando cadeia e passeiam em volta da mesa.

«E' comico — diz o sujet — dansam em volta da mesa como três imbecis».

(Continúa).

UM CASO INTERESSANTE DE IDENTIFICAÇÃO ESPÌRITA

«Constancia» — Prof. Ernesto Bozzano

O caso que me proponho a resumir, foi relatado por um investigador que procede com métodos rigorosamente cientificos e que permanece irredutivelmente céptico com respeito á interpretação espírita das extraordinárias manifestações mediúnicas que êle obteve.

O livro do qual o extraio, tem por titulo: Forty Years of Psychic Research (Quarenta Anos de Investigação Psíquica) e seu autor é o bem conhecido escritor norte americano Hamlin Garland, que, chegado aos 75 anos, resolveu publicar os importantes relatos das experiências psíquicas que êle mesmo dirigiu, em caráter de «Research Officer» das duas «Sociedades Americanas de Estudos Psíquicos», que se sucederam nos Estados Unidos. Trata-se de um investigador oficial, rigorosamente cientifico que, além de tudo, sabia experimentar. O que significa que, ao contrário dos outros «Research Officers», nunca olvidou que os instrumentos de trabalho neste campo são indivíduos humanos de extrema sensibilidade. Empregou portanto, em todos os momentos e antes de tudo, o maior cuidado em atrair a simpatia e a confiança dos médiuns, afim de poder, por esse meio, aplicar os contrôles mais rigorósos; direi de boa vontade: os mais desapiedados, com pleno consentimento das vítimas, que a êle se abandonavam com emocionante espiritualidade. Realizou sessões com numerósos médiuns profissionais, mas em seu livro, somente menciona alguns fenômenos excecionais com eles obtidos, afim de se consagrar ás experiencias pessoais com cinco ou seis médiuns particulares que, permanecendo desconhecidos, eram, não obstante, bastante poderósos para se tornarem célebres, se não houvessem considerado seus poderes como algo sagrado e religioso, que não era conveniente profanar procurando notoriedade e interêsse.

A obra de H. Garland, pelas manifestações extraordinárias a que assistiu o autor e o rigor dos contrôles, é uma das mais importantes e das mais edificantes que tem aparecido á luz do mundo inteiro, depois de muitos anos. Sôbre a mesma publiquei extensa análise que foi comentada na Italia, mas, aquí, somente me proponho referir e estudar um caso complexo e pouco vulgar de identificação espírita, que apresenta modalidades excecionais de desenvolvimento, ainda que haja participado da sorte de todos os outros casos do mesmo genero, isto é, não logrou convence-lo da origem extrinseca eu espirita dos casos desta natureza.

A este propósito, constato que o cepticismo irredutivel do nosso autor, ante a eloquência das provas, foi severamente exprobado por certos críticos, mas injustamente, segundo minha opinião. A cada qual assiste o direito de pensar por si mesmo, sempre que suas convicções sejam a expressão sincera de sua alma e sob a condição de tambem êle respeitar escrupulósamente as convicções de outrem. Ora o nosso autor se manifesta completamente respeitoso em face das opiniões dos que divergem de seu modo de pensar, e vai mesmo a ponto de declarar que ardentemente se esforça por participar de suas con-

vicções, lamentando seu próprio critério que a isso o impede. Que mais se poderá exigir?

Parece-me que seu cepticismo, fundado sôbre considerações gratuitas de filósofo estranho á metapsíquica, deva ser pelo contrário um tema de reflexão instrutiva para os leitores do livro, pois que não se poderá sensurar um autor que sinceramente expõe seu estado de alma, seja êle qual fôr. Nada mais ha além de imoderações de linguagem que, mui frequentemente, são empregadas pelos adversários contra defensores da hipótese espiritista; nada mais que imoderações injustificáveis e irritantes que devem ser superadas por um raciocinar enérgico. Isto tanto mais por serem frequentemente expressas em termos de comiseração e de superioridade, cheios de arrogância, pelos que olvidam que entre os defensores, em questão, ha célebres homens de ciência, como Wallace, Crookes, Myers, Barrett, Hodgson, Hislop, Gelley, Du Prel, Lombroso, Brofferio, Luciani. Misérias e erros da fatuidade humana.

Depois desta extensa introdução, proponho-me a resumir o caso em apreço, advertindo que meu resumo somente pode dar uma pálida idéia da impressão altamente sugestiva, do ponto de vista espírita, que se obtem dos informes do mesmo caso, informes que ocupam nada menos de uma centena de páginas do livro.

Encontrando-se em Chicago, o nosso autor deparou casualmente, em casa de um amigo, com uma senhora de nome Hartley, que lhe foi apresentada como médium de escrita. Naturalmente expressou o desejo de realizar com ela algumas sessões, mas a senhora se recusou, sob pretexto de não ser um médium profissional, para em seguida confessar:

> «Sois um escritor, e não quero expor me a ser objeto de artigos sensacionais. Sou viúva e mãe de um menino de doze anos; devo ser prudente».

Finalmente o nosso autor, rodeando-a de atenções e fazendo-lhe promessas, logrou vencer seus escrúpulos, e com amigos comuns, realizou sua primeira sessão. A mediunidade da senhora Hartley consistia em faculdades de «voz direta» e «escrita direta», esta última entre duas ardósias ligadas e dispostas de maneira a deixar um espaço suficiente que permitia um pequeno lapis mover-se e escrever. O médium não caia em transe e as sessões se realizavam á plena luz do dia.

Hamlin Garland trouxera as ardósias consigo, entre as quais introduzira uma fôlha de papel dobrada, sôbre a qual estavam escritas estas palavras: Querido Eduardo, para servir de prova de identidade, reproduze aquí alguns compassos do teu manuscrito musical inédito.»

Este nome era o de seu amigo Eduardo Mac Dowell, músico e compositor de talento, morto poucos meses antes.

Ele mesmo quís fechar as ardósias, em seguida entregou-as ao médium, que as colocou sôbre a mesa, convidando o experimentador a conserva-las a seu lado.

Este fez a seguinte observação:

> «Percebi o ruído de um lapis que escrevia no interior das ardósias e constatei o fenômeno pelas vibrações das mesmas ardósias, ao mesmo tempo que o médium igualmente as segurava por um lado com a mão direita, estando a esquerda pousada sôbre a mesa.
>
> Terminada a escrita, o médium retirou as ardósias e abriu-as. Ambas haviam sido utilizadas. Sôbre uma podia se ler u'a «mensagem» do «espírito guia» e sôbre a outra, estas palavras bem significativas para mim: «Desejaria que me pudesses ver transformado tal qual estou, sempre absorvido pelo trabalho e feliz por assim ser!» (Ass. M. A. Mc Dowell».

Debaixo da mensagem á esquerda, estavam traçadas quatro linhas sôbre as quais se podiam ler três notas musicais.

O autor observa: «O nome escrito era Mc Dowell, em lugar de Mac Dowell, mas as iniciais que o precediam *e que eu não havia escrito no papel*, eram exatas».

O mesmo fenômeno se reproduziu durante uma das «reprises», o amigo defunto escreveu esta mensagem:

> «Estou extenuado, já não sou o

mesmo. Agora sinto-me reviver num ambiente de progresso infinito. Como está minha mulher? Alguem a socorre?»

A esta última pergunta Hamlin Garland respondeu em vóz alta: «Ela está bem. *Não é infeliz e alguem a protege*».

A mensagem tinha um elevado significado probatório, pois o defunto comunicante havia sofrido grave enfermidade mental que o havia impedido de trabalhar até sua morte.

Durante uma das repetições do fenômeno, enquanto o médium mantinha as ardósias sôbre a mesa, estas escaparam de suas mãos e foram caír sôbre os joelhos do autor. Este observa:

«Enquanto estas estavam sôbre meus joelhos, eu ouvia o lapis correr em seu interior. Quando as abri, não notei que o pentagrama houvesse sido retocado, as linhas estavam melhor marcadas e numerosas notas haviam sido agregadas».

E outras notas musicais continuavam a alinhar-se a cada nova repetição, ao mesmo tempo que um débil «murmúrio» começou a fazer-se ouvir, respondendo ás perguntas do experimentador, em vez de responder mediante a escrita nas ardósias, como anteriormente. A este respeito, observa o autor:

«Devo reconhecer que todas as observações do amigo defunto eram feitas de maneira impressionante, absolutamente conformes ao seu caráter. Além disso, parecia ansioso, profundamente ansioso, de obter notícias de sua esposa e de seu real estado de saude. Simultaneamente pela escrita direta, outras notas a mais se alinhavam e estas mais cuidadosamente traçadas. O «murmúrio» informou que essas «notas» eram extraídas do terceiro «movimento» de sua «sonata trágica». Logo se sucederam outras notas, mas acompanhadase por outro título: Húngara ou Hungria. Falando com o invisivel, perguntei: «*Estas notas são talvez extraidas de alguma composição inédita?*» «*Sim*». «*E' uma composição ou melhor, notas á margem de uma composição?*» «*E' um pequeno trecho de música.*» «*Onde se encontra?*» «*Entre meus manuscritos em Nova York, em minha casa...*»

Note-se que esta nova música apareceu sôbre as ardósias, *ao tempo em que estas estavam debaixo de meu pé!* Em meu pé eu sentia as vibrações do fenômeno. A notar, além disso, que fui eu mesmo quem abriu as ardósias, sem intervenção do médium...

Devo confessar ainda que nesse momento senti a impressão de achar-me em contacto com o falecido amigo. A' medida que esses murmúrios se tornavam mais interessantes, ou vigiava com redobrada atenção, os lábios do médium, sem conseguir nem perceber siquer a sombra de um movimento dos mesmos ou da garganta. Como quer que seja, evidente se torna que a hipótese da ventriloquia não poderia explicar o fenômeno das notas musicais traçadas sôbre as ardósias seguras, a princípio, em minhas mãos, e logo em seguida, debaixo de meu pé.

Como as notas musicais apareciam acumulando-se, dirigi-me ao invivel para lhe dizer: «Eduardo, tu foste além das minhas capacidades de experimentador. Não posso transcrever estas notas de musica, e muito menos identifica-las. Necessito de alguem que me ajude. Lembras-te de Henrique Fuller de Chicago? Sim, respondeu — Proponho-me a faze-lo vir ás sessões. Ele tem prática da escrita musical e é um excelente pianista. Graças a êle, estarei em condições de pôr em ordem as três mensagens». O invisivel deu seu assentimento, mau grado a desagradavel e inevitavel interrupção das sessões que se seguiu.»

Continúa

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz,
Para o vício que morre ovante sôbre o trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.

GUERRA JUNQUEIRO

Um vôo de Flôres...

Os chamados fenômenos físicos, por sua natureza profundamente objetiva, sempre interessaram aos investigadores das manifestações supranormais. A dificuldade que reveste essa fórma fenômenica, dada a raridade dos médiuns especializados, é mais um fator de interêsse na análise de tais manifestações.

De longa data nos dedicamos ao estudo desses fenômenos. E' bem verdade que o nosso *desiderato* não é, apenas, o de obter fenômenos físicos, pois que, apesar de tudo, apesar de conhecermos a importância que têm esses fenômenos, como prova da imortalidade da alma, no estudo da ciência espiritista, dedicamo-nos mais á investigações dos chamados fenômenos mentais diretos, como a «voz diréta» e a «materialização de fantasmas falantes». Mas, quando, espontaneamente, as manifestações físicas que, quasi sempre antecedem as mentais, se verificam, não deixamos de estuda-las.

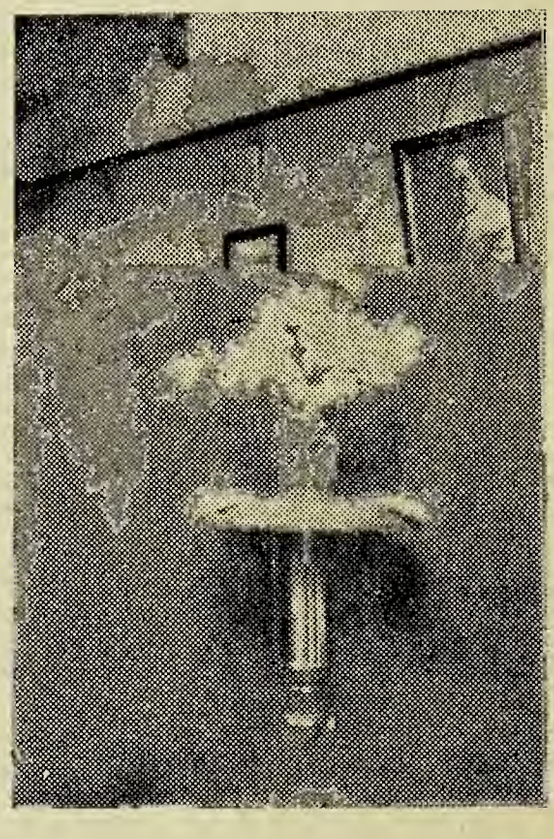
Foi o que sucedeu na noite de 1.º de agosto do ano passado.

Reunimos em nossa casa, uma vez por semana, um grupo de estudiosos do Espiritismo, para trabalhos de «voz diréta». As nossas sessões são feitas em caráter particular, pois que o médium ainda não se acha completamente desenvolvido. Convém assinalar tambem que os Espiritos Guias dos nossos trabalhos, de vez em quando costumam suspender as sessões, estabelecendo, quando o fazem, a duração da folga. Justamente, depois de 69 dias de férias forçadas, reiniciámos os trabalhos no dia 1.o de agosto. O grupo todo estava reunido. Eramos eu, Antonio Castilho, Urbano de Assis Xavier, D. Izabel Castilho, D. Maria Jannoni, srtas. Adelaide Bruncow, Rosa Therezinha Negrão e D. Hilda Negrão, o médium.

Logo no início da sessão a corneta luminosa foi levitada e em seguida ouvimos a voz do Boróro, um dos Espíritos dirigentes. Disse-nos que tudo ia bem e que nos traria um presente. Momentos após ouvimos outra voz, que nos disse:

— «Que a paz de Jesus esteja com todos. Sou Cairbar Schutel. Agradeço ao Urbano ter levado o pessoal a Matão. Ficaram todos muito satisfeitos. Um abraço».

Schutel referia-se á sessão de «voz diréta» que realizámos em Matão na noite de 24 de junho do ano passado, cujo relato foi publicado no «O Clarim» de 1.o de julho e na «Revista Internacional do Espiritismo» de 15 de julho



Foto, em pose, de 26 dos 47 ramos de flores de hervilha de cheiro.

Em seguida comunicou-se o Espírito de D. Elisa Maria da Silva, mãe do médium D. Elisa palestrou longamente conôsco, encorajando a filha.

Segundos se passaram. Estava-

mos em silêncio, ouvindo apenas o som da vitróla. Nenhum fenômeno feria a nossa retina ou os nossos ouvidos. Em dado momento, porém, ouvimos e sentimos que caía sôbre todos nós alguma coisa. Verificámos que eram flôres, muitas flôres, pois que o fenômeno teve longa duração. Os ramos de flôres tinham um suave perfume, um perfume sutil, razão por que, não pudemos identifica-las de pronto, dado o ambiente de obscuridade em que nos encontravamos.

Depois desse fenômeno, ouvimos de novo a voz do Boróro. Ao nosso lado, bem junto ao ouvido esquerdo, disse-nos:

— «Gostou?»

Agradecemos o presente. Estavamos comentando com os demais o inexperado da manifestação, quando ouvimos outra voz. Era a do dr. Adhemar de Assis Xavier, irmão falecido do Urbano. Conversou com seu mano e depois retirou-se. Quando acendemos a luz, verificámos que o chão estava coalhado de flôres. Flôres de côr branca. Eram 47 ramos de flôres de hervilha de cheiro, com caules cuidadosamente cortados, de 25 centimetros mais ou menos de comprimento. Em nossa casa, onde não ha horta, nem nas casas vizinhas, não encontramos dessas plantas. Julgamos que essas flôres foram tiradas de alguma floricultura e isso quer dizer que foram transportadas de muito longe, pois que as casas de flores em S. Paulo ficam no centro da cidade e a nossa casa no bairro do Ipiranga.

ODILON NEGRÃO.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XVII —

Transmissão do Pensamento

Como a *histeria*, é a *transmissão de pensamento*, as histórias complicadas do *conciente*, *inconciente* e *subconsciente*, as *alucinações* e outros vocábulos bonitos, levados por aí afóra e por toda gente que nada entende de Espiritismo, á conta da explicação dos fenômenos mediúnicos. Mais modernamente, quando os fenômenos são inteligentes, é prova de cultura apelar-se para o *sexto sentido*. Apela-se, modernissimamente, para a *esquizofrenia*, para a *espiritopatia*, para o *delírio espírita episódico*, se os fenômenos são de ordem patológica.

Vejamos o que ha de verdade em quantos procuram se arrimar, diante do *mare-magno* dos factos, em tais tábuas de salvamento:

A transmissão do pensamento existe. E' um facto concreto, afirmam-no quantos já se ocuparam, cientificamente, com êle. Concreto e «científico», tão certo quanto a existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sirius,» afirma Camilo Flamarion.

Se existe,—e são acordes em afirmá-lo cientistas espiritualistas e materialistas! —que deve ser? Uma doença? Uma faculdade da alma? Fenômeno de uma ciência nova?

Feito uma doença deveria tê-lo tomado o cientista Frederico Myers que lhe deu o nome: *Telepatia*, assegurando, com provas, em 1882, que «o pensamento humano póde agir a distância, sem auxílio de nenhuma vibração material, atuando sôbre o pensamento de outro indivíduo.» Este expressivo «sem auxílio de nenhuma vibração material,» está a excluir qualquer função nervosa ou material da transmissão do pensamento, função exclusiva do Espírito. Provado que ficou, em anteriores artigos, que o pensamento não é função dos neuromos cerebrais, mas do Espírito, é óbvio que a Telepatia antes afirma do que infirma a existência do Espírito. Nem o levianissimo *transmissão do pensamento*, ou *telepatia*, que se ouve, á miude, dos lábios de indoutos no assunto, serve para explicar fenômenos mediúnicos inteligentes. Dí-lo assim Charles Richet, no seu Tratado de Metapsíquica: «Crê-se haver tudo explicado, quando se diz «telepatia». Mas, não se explica coisa nenhu-

ma. A vibração cerebral conciente ou não, continúa um mistério.» E mistério, sê-lo-á para a ciência materialista, indecifrável, enquanto ela não se espiritualizar!

O fenômeno existe, pois, e continúa um mistério. Se ainda não é conhecido na sua origem, como, então classificá-lo de doença transmissível á distância, a julgar pelo próprio termo, justaposição de dois elementos gregos: *tele* + *pathos*, cuja tradução, ao pé da letra, seria—*afecção a distância?!*

O rev. Evan W. Hitchings, a despeito de seu credo protestante, insurge-se contra a telepatia explicando factos espíritas. Por LIGHT, de 7 de janeiro, depois de narrar uma bôa série de fenômenos espíritas, observados em pessôas de sua família, os quais fôra fastidioso aqui englobados, conclue: «Para mim, é muito mais simples e verdadeiro declarar que os meus amigos do Espaço vieram trazerme provas, que afastam toda e qualquer idéia telepática, ou do inconciente...»

Forçando sua entrada nos domínios da psicologia experimental, maximé depois das experiências realizadas pela SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, a Telepatia passou a significar «Toda espécie de fenômenos em que um sêr humano conhece á distancia e sem auxílio dos sentidos ordinários, a vontade ou o pensamento de outra pessôa. Deixa, portanto, de ser doença transmitida à distância, para ser uma faculdade do Espírito, quiçá uma virtude. Virtude e faculdade que, a a despeito de só agora ocupar os estudos de nossos cientistas, era já conhecida e praticada de tempos imemoriais. Franz Pudmore escreve que, «por meio da telepatia,—que não é mais, para êle, do que o retrocesso atávico a um passado longínquo—era que os primitivos selvagens se correspondiam entre si.»

Talvez por sentir que a *Telepatia* não era doença, foi que Emile Boirac propõe substituir-lhe a denominação para Telepsíquica. Nós optariamos, se tivessemos autoridade para tanto, pelo *Telepsiquia*, por uma questão linguìstica, visto derivar de *psiché*, e pelo facto do sufixo *ico* ser, mais comumente, pròprio á formação de adjetivo. Myers, avançando nos seus estudos, crêa a *Telestesia*, uma forma de transmissão do pensamento «por um modo diferente dos sentidos sem referência a outro sêr.» *Richet* opina pelo termo *criptestesia*. Pouco importa os nomes, todos mais ou menos empolados, a vocabulários gregos, desde que o facto exista!

Pois, a despeito de cientistas de verdade, porque experimentadores e estudiosos dos factos, atestarem a existência do fenômeno,—que não póde ser, repetimos, doença, mas função do Espírito,—a ciência materialista, oficial, ainda põe-no á conta de factos duvidosos, ou á conta de «coisas incríveis,» como viramos, agora, em *Imprensa Médica*, da pena do médico Mendonça Castro...

Alexis Carrel, um cientista côncio da existência da Telepatia, a que empresta relevante apreço, em a sua admiravel obra «*O Homem, esse Desconhecido,*» assegura que, embora «a maioria dos biologistas e dos médicos neguem a telepatia e outros fenômenos metafísicos,» o facto é que, «não obstante tratar-se de atividades raras no sêr humano, é ela um facto.» E, mais incisivamente: «Aqueles que se acham dotados de tais faculdades captam os ìntimos pensamentos de outros indivìduos, sem terem para tal que fazer uso de seus sentidos.» E vai mais longe, afirmando incisivamente, como se fosse um espiritista intuido das verdades espirituais que «os homens de ciência não devem os seus notáveis descobrimentos apenas ao trabalho de laboratório, mas tambem a certas forças frequentemente ignoradas, ou não reconhecidas, que, na realidade desempenham um importantissimo papel como guias do pensamento cientíiíco, através dos labirintos de hipóteses e conjeturas, etc.»

Nós, espiritistas, chamamos, com a prova dos factos e a lògica da argumentação, a esses «guias do pensamento,» da afirmação do grande biologista do «Instituto Rockefeller,» de Espíritos guias, ou Espíritos afins e simpáticos, que vêm trazer aos homens, a intuição daquilo que gostariam de realizar, no sentido de que a humanidade avance mais na senda do Progresso...

Cesar de Vesme, recem-falecido é outro grande investigador, que não era espiritista, chegou, como Richet e Carrel, á mesma evidência do fenômeno telepático, por isso que afirmou, em «Revue de Metapsichique», em 1935: «Não é que contestemos a autenticidade dos fenômenos que se registram sob a rubríca de telepatia. O que estamos, é inclinado a pensar que esse grupo de factos paranormais pertencem á qualquer outra classe, que

não á telepatia». Classe que não soube, entretanto, precisar; que precisar nunca saberá, dado o sentido anti-espiritualista com que se procurou solucionar o problema...

Pinto de Carvalho, em belo artigo inserto na *Revista Espírita do Brasil*, de Março de 1937, estuda os fenômenos telepáticos, concluindo que «renegá-la seria ultrapassar as raias do absurdo, porque atestada por número respeitavel de documentos incontestaveis».

Experiências recentes de gabinete — dí-lo *Gringoire*, de Paris—atestaram os factos que o materialismo superficialmente cientìfico nega. Abramowiski, realizou experiências em Varsóvia, antes do grande e doloroso sacrifício desta cidade, vendo 50 % de suas experiências coroadas de êxito. Naturalmente por deficiente escolha de *percipientes*. Warcolier, em França, diante dos resultados obtidos, satisfatórios, confirma que «existe alguma coisa. Mas, nós ignoramos ainda o segredo da telepatia». E só quando admití-la feita força espiritual, ou o próprio Espírito a projetar-se de um sêr a outro sêr, ter-se-á o conhecimento integral do que ela é. Ossowiecki diz, materialisticamente, que «a memória individual existe ainda depois da morte, e que póde, em certos casos, ser atingida por uma comunicação telepática». Claro que deve existir, de vez que é ela faculdade do Espírito, que sobrevive á matéria.

A telepatia é, sem sombra de dúvida, a exteriorização de forças espirituais, da conciência espiritual de um indivíduo, passivel de explicação sómente pelos factos registrados através das ciências psìquicas, das explicações racionais que os Espíritos de luz no-las transmitem.

Estamos com Léon Denis, quando afirma que «a telepatia, o projetar, a distancia, do pensamento, e mesmo da imagem do manifestante, faz-nos subir mais um degrau da escala da vida psíquica». (O Problema do Sêr e do Destino). Projeção que se processa através da vista, dos ruídos e sons, da audição. Daí Gabriel Delanne agrupá-la em três estados distintos, vibratórios, que denomina de *visuais*, *mentores*, *sensitivos*. Discriminar os fenômenos já registrados nos anais das Ciências Psíquicas, constantes nas obras que por aí vemos, ao alcance de todas as bolsas, não é tarefa para enquadrar-se nos moldes de um artigo ligeiro...

DE QUANDO EM QUANDO

EDUARDO LEITE DE ARAUJO
(Da A. P. I.)

SE o campo das perquirições psíquicas é fértil na produção dos fenômenos os mais emocionantes, tambem o é dos mais dificultosos pelos óbices que surgem a cada passo, como que a desafiar a paciência dos que se dedicam a tais experimentações. Estas se revestem da maxima gravidade. Nelas não deverão tomar parte indivíduos dotados de sistema nervoso debilitado, e menos ainda deverão assisti-las os cépticos ferrenhos, ou os frívolos. Estes últimos que se ocupam tão sómente das banalidades do mundo para preencher as suas horas de ócio; gente dessa natureza não deve ser admitida a semelhantes sessões.

Considere-se já as controvérsias existentes nos comentários dos cientistas que se tem dedicado a esses estudos. Em se tratando de assunto por excelencia transcendental e variando de uma fórma extraordinaria as modalidades mediúnicas, eles, os doutos, tem tirado conclusões as mais disparatadas, se não as mais absurdas, criando ao mesmo tempo teorias e terminologias intrincadas. Ora, se entre os cientistas, com algumas exceções, são estabelecidas tais desinteligências, maximé o será entre aqueles que não se encontrem suficientemente preparados para tal ordem de investigações. Portanto, os cretinos ou os fúteis, não deverão imiscuir-se em tais assuntos. A sentença evangelica é peremptória: *não atirem perolas aos porcos.*

O professor Ernesto Bozzano, que

na Italia se tem destacado de uma fórma eminentemente extraordinaria, com a sua dialética riquissima e empolgante, tem confundido aqueles cientistas que, obstinados, procuram se firmar em seus frágeis argumentos negativos quanto á sobrevivencia do espírito, embora aceitando os fenômenos. Assim sucedera tambem a Lombroso, quando inicialmente começou a observar os fenômenos psíquicos ou metapsíquicos, e que, confessando ser escravo dos factos, não aceitava, porém, a sobrevivência do espírito. E, só mais tarde, acumulado de provas sôbre provas, é que se rendeu á evidência, declarando, em retratação, *envergonhar-se de tudo quanto escrevera contra o Espiritismo.*

Bozzano obteve, em carta confidencial, de Charles Richet, a declaração de que *a sobrevivência da alma era um absurdo, porém uma verdade !*

Fundamentados principalmente nas obras de Allan Kardec — inegavelmente o primeiro metapsíquista que surgiu, muito antes de Richet lançar a designação pomposa—, de Gabriel Delanne e de outros pioneiros do Espiritismo, temos realizado algumas experiências, com resultados interessantes. Isso, sem que nos engolfemos nos oceanos daquelas tortuosas cogitações que tanto tem agitado o cérebro dos doutos. Encaramos os factos com a maior calma e simplicidade, e sob o prisma de contribuição positiva para a demonstração real da sobrevivência do espírito.

Não pretendemos afirmar que testemunhámos todos os fenômenos psíquicos ou metapsíquicos, porém, temos as nossas observações pessoais no terreno experimental.

O *material* colhido ainda é pequeno, mas, valioso e animador.

Ha uma ansia muito acentuada da parte de todos que veem acompanhando o surto extraordinario que tem tido o Espiritismo em nosso país, não obstante a charlatanice que existe por toda a parte, e os tartufos guindados, pelos de boa fé, a grandes beneméritos.

Algumas experiências já veem sendo feitas, principalmente em nosso Estado, e depois de uma série de conferências radiofônicas levadas a afeito pelo devotado confrade Odilon Negrão, que vem, de se tornar uma revelação, das mais brilhantes no seio da familia espírita. A sua cultura é sólida, e os seus dotes oratórios são de moldes entusiásticos e convincentes, porque a sua erudição tem por base um acervo abundante de factos concretos e excelentemente valiosos. Assim sendo, tem êle despertado um interêsse fóra do comum em todos os meios, espíritas e não espíritas, para os estudos dos fenômenos psíquicos, maximé, para os da escrita e voz-diréta.

O nome de Odilon Negrão antes de se evidenciar nos meios espíritas, já tinha a sua reputação firmada como literato e jornalista a despeito da modéstia que o carateriza. Os factos e acuradas observações, levaram-no a se dedicar com grande amor ao estudo dos fenômenos supra-normais, constituindo para tanto, no próprio lar, o seu *laboratório* de pesquisas. Organizou, com redusidissimo número de amigos, o seu núcleo familiar, sendo a sua exma. esposa o médium principal. Tivemos a ventura de, inicialmente, fazer parte desse grupo, do qual nos afastámos em consequência da transfrência de nossa residencia. No entanto, não obstante encontrarmo-nos distante, vimos acompanhando o desenrolar de suas experiência que, dia a dia, vão tendo desenvolvimento.

A experiência que temos adquirido não só nos trabalhos do grupo familiar constituidos por Odilon, como nas precedentes, quando desempenhavamos o cargo de diretor da Secretaria da Sociedade Metapsiquica de São Paulo, nos animou a continuarmos com as perquisições em outro setôr. Organizámos para esse fim, um grupo íntimo em São Vicente, contando com a boa vontade de um médium — espirita de ha muitos anos —, snr. Francisco Serpa que se nos afigurou dotado de faculdades para os fenômenos de efeitos físicos e, talvez para os de voz-diréta ou materializações.

Os resultados obtidos, logo de início, e com grande surpresa nossa,

teem sido promissores, mau grado uma série enorme de dificuldades que temos deligenciado vencer.

Em proxima crônica narraremos algo do que temos colhido, e o faremos com o propósito de incentivar os interessados a constituirem tambem os seus grupos íntimos para os estudos e perquisições dessa natureza. Entretanto, é preciso repetir, os que não estiverem devidamente preparados, não deverão se meter em tais emprezas. Antes de tudo faz-se mistér o conhecimento das obras fundamentais do Espiritismo: não haja descura alguma nesse sentido.

Santos — Novembro, 1939.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

A observação do enfêrmo de que vamos tratar hoje, é bastante interessante por encerrar, em si, não só provas corroborando conceitos já dispendidos em outros artigos, como tambem, servindo de *padronização* para outros conhecimentos e outras experimentações !

E' um dos casos típicos de encontro aos quais a ciência médica oficial, a-pesar-de todos os seus conhecimentos e todos os seus recursos, tem que lutar, improficuamente, para explicar a etiologia e fundamentar um diagnóstico para, criteriosamente, lançar mãos dos recursos terapêuticos necessários á cura dos doentes.

E o prognóstico ?

Só poderia ser bastante duvidoso, e mesmo, fatal, não só ante os distúrbios completos de que se ressentia o organismo, como tambem, ante os sintômas dominantes e caraterísticos de uma perfeita e perigosa alienação mental. Esse paciente chegou, ao Sanatório, completamente amarrado com cordas fortes, pois havia sempre necessidade do auxílio de várias pessôas para contê-lo, no estado de agitação violenta e constante, em que se achava comumente.

Olhar desvairado, demonstrando, ora ódio, ora terror, assombrado com qualquer cousa que se lhe passava em torno e da qual era a única testemunha, gritando, falando, sem cessar, palavras e frases incoerentes, sem nexo, sem sentido algum.

Livre das cordas que o continham, continuara a ter as crises de grande agitação, com idéias aterrorizadoras e fenômenos alucinatórios.

Desorientação de tempo e espaço, sem memória e sem raciocínio.

A ciência oficial, após inúmeros e dispendiosos exames e análises de laboratórios, catalogá-lo-ia, naturalmente, como um caso de *psicose infeciosa*, fórma alucinatória ou aguda.

Viriam, logo, os medicamentos apropriados e, no fim de um certo tempo, talvez, o paciente estivesse bom, representando, a sua cura, mais uma prova do poder e da sapiência dos homens da ciência oficial...

Como médico espiritualista que o somos, reconhecemos logo tratar-se de um caso de obsessão, embora, para ela houvesse, no físico do enfêrmo, naturalmente, uma porta aberta para que ela se processasse.

Em vista do diagnòstico e em vista do organismo do paciente estar em condições de suportar a causa etiologica — ação maléfica de entidades invisiveis e inteligentes, desconhecedoras do estado de desencarnadas, segundo nos parecia, não nos preocupámos com análises dispendiosas, pesquisas demoradas e, nem tão pouco, com terapêutica medicamentosa, por vezes só acessivel aos privilegiados de fortuna.

O único socorro feito e permitido, foi proporcionar-se ao doente, um banho higiênico, rápido e contêr a sua agitação em cama apropriada, amarrado, esperando pelas fases de acalmia.

Durante os primeiros 15 dias essas fases de calma foram raras e de pouca duração, motivo pelo que estava quasi constantemente amarrado, quer durante o dia, quer durante as noites, que passava insones, com inquietação acentuada.

Alimentação artificial, com um trabalho insano, mas persistente.

Nenhum exame de laboratório.

Nenhuma análise e pesquisa e, nem tão pouco, medicamentos capazes de auxiliar o organismo na reação contra o mal ou os males que poderiam estar sacrificando aquele corpo moço e forte.

Todos os sintômas de obsessão a nós proporcionados pela prática de tantos anos e com dezenas de casos identicos, permitiam essa atitude.

Além disso, nosso diagnóstico que poderia ser, tambem, falível, foi confirmado por médium vidente que sempre notou, junto do enfêrmo, várias entidades, com todos os caraterísticos de estrangeiros e demonstrando desconhecimento do estado de desencarnado.

Como dissemos linhas atrás, a medicina oficial, após dispendiosos e inúmeros exames de laboratórios, entraria com a sua terapêutica e após certo tempo, o paciente estaria curado.

De facto, assim acontece na mór parte das vezes, pois que a maioria desses casos são provocados por entidades ignorantes do estado de desencarnados e que, pelos sentimentos bons de que são dotadas, ou por si mesmas ou pelo auxílio de outras entidades amigas reconhecem logo a mutação de estado e se afastam do paciente que tanto prejudicavam inconcientemente.

Si, em vez de um caso de subjugação o fosse de possessão devido a entidades concientes do seu estado e movidas pelo ódio e pela vingança, estaria a ciência oficial defronte um caso por ela reputado incurável, como existem centenas, milhares, espalhados pelo mundo inteiro.

A ciência oficial atribúe a cura daqueles á proficiência da sua terapêutica quando, para o caso propriamente, ela de nada valeu e de nada valerá.

Com o auxílio do Espiritismo científico obteria a cura de todos aqueles, quer fossem subjugados ou dominados por entidades inconcientes, quer pelas concientes e agindo por maldade e por vingança, lançando tantos infelizes no ról dos incuráveis.

Sem esse auxílio, continuará impotente, incapaz de dar, pelo menos, um alívio a esses sofredores.

Durante 20 dias esperamos pelos acontecimentos, acompanhando todas as fases para a perfeita orientação e documentação do nosso estudo, na expectativa da atenuação dos sintômas de agitação e desorientação.

Todavia, esse estado de agitação era demasiado forte e o organismo do paciente começava a se ressentir devido o constante esforço despendido.

Assim, sendo, organizámos no dia 3/5/39, o nosso costumeiro trabalho científico e, assim, se manifestou uma primeira entidade : —

«Não sei de nada; não sei de nada. Não entendo cousa alguma; tudo é desconhecido aqui e já me sinto atormentado com tanta cousa exquisita.

Aquí estou há muitos dias. Vim para essas terras, como quem vai ao acaso.

Tudo está confuso. Não sei, ao certo, para que vim e com que intenção. Estou sem destino.

Meus companheiros, tambem, estão. Somos três.

Sou português, mas meus companheiros são italianos, e desde que nos encontrámos, tornámo-nos amigos, irmanados pelo destino que nos deixou sem casa, sem abrigo e sem família, andando ao Deus dará.

Vejo-me em terras estranhas, ora aquí, ora alí, sem conseguir uma estabilidade.

Pobre deste rapaz ! Está sofrendo

muito. Encontrei-o tão mal, tão ruim da sua cabeça, das suas idéias!

Seus amigos pediram para que olhasse por êle. Está muito impressionado, vendo cousas desastrosas e vejo-me obrigado a segurá-lo.

Meteu-se-lhe, na cabeça, que vão prendê-lo, levá-lo para a cadeia e torturá-lo. Não queremos fazer-lhe mal, pois somos seus amigos.

Chegámos a sua casa e êle ficou perturbado, pois não esperava por esses companheiros. Queremos falar com êle, com bons modos, explicando que somos amigos, mas êle fica zangado e não liga importância ás nossas palavras.

Nessa casa, não me tratam como queria. Si falo, não se importam. Estou queixoso com isso.

Ha três dias que, apesar dos protestos dos meus companheiros, uns homens que estavam aquí, os levaram, não sei para onde. O certo é que foram contra a vontade e ainda não voltaram. Aqui fazem cousas arbitrárias e como vocês permitem isso?

Eu prometi aos meus companheiros que não deixaria o nosso amigo, sósinho, enquanto ele estivesse assim e, no entanto, esse pessoal aqui não deixa que eu me aproxime do doente para conversar ou ajudá-lo.

Nessas condições, não quero continuar aquí, e apelo para os vossos corações, pedindo um recurso para voltar para o Estado de São Paulo. Tenham paciência; como bons cristãos, auxiliem-me. Não tenho documentos, papeis de identificação, nada, a não ser a graça de Deus. Fui roubado nos meus papeis e voltando ao consulado, pedi, roguei, mas ninguem me deu a mínima atenção. Levo vida de um pobre diabo e, embora doente, farei por dar conta do trabalho que me destinarem...

—

Notando o cansaço do médium, que já demonstrava dificuldades em transmitir mais pormenores, pedimos áquela sombra amiga para continuar, ainda, uns dias, no Sanatório, enquanto providenciariamos a respeito dos recursos necessários para a sua volta ao Estado de São Paulo.

Por essa manifestação, o espírito patenteava a sua ignorância de estado, julgando-se, ainda, no mundo da matéria e contribuindo com a sua aproximação, inconcientemente, para o desiquilíbrio mental do nosso doente.

E' bem grande o numero de obsessões nas quais notamos o papel desempenhado por esses pobres espíritos ainda inconcientes da sua transmutação, ignorância aproveitada por entidades inteligentes, deles se servindo como comparsas para os seus planos.

Geralmente são entidades bôas e incapazes, pela grandeza de coração, de praticar o mal, intencionalmente, e fáceis, por isso, de serem afastadas.

Só lhes faltam essas oportunidades proporcionadas pelas sessões de doutrinações, aliás, o campo mais vasto que se apresenta aos espíritas para a prática da caridade.

O nosso paciente já havia obtido melhora extraordinária, quando se nos ofereceu oportunidade para nova palestra com essa sombra errante, dela ouvindo mais pormenores, e, assim, conseguindo as nossas observações, o que se deu em 3 de Maio do mesmo ano, isto é, dias após a primeira manifestação. Incorporado, assim falou: —

«Voltei, aquí, receioso e não quero, mesmo, continuar nesta casa e, sim, ficar onde estava. Onde? Não sei explicar.

O certo é que o lugar não é ruim. Somos uma porção e entre os demais sinto-me confortado pois, todos animam uns aos outros.

Fui muito infeliz. Vivi muito tempo naquele estado, sem saber que havia morrido, andando para aquí e para alí, sem poder parar em parte alguma.

Não me recordo da minha família. Não conheci pai e nem mãe. Fui criado por uma tia. Vivia em Trípoli, trabalhando como tosquiador, profissão que pouco rendia.

Sendo sósinho, no mundo, resolvi emigrar e vim para o Brasil em companhia de outros companheiros, uns 15 mais ou menos. Chegámos em um Porto, de cujo nome não me recordo. Lá, passamos uma vida miserável, dormindo, ao relento e achando tudo exquisito, pois ninguem nos dava atenção.

Escondidos, tomamos um navio e descemos em outro porto — dizem que Santos.

Alí, a mesma cousa—sem emprego e sem recursos. Tomamos um trem e fomos até S. Paulo. Alguns companheiros sumiram e eu, com os três res-

tantes, fomos andando e viajando, a procura de um serviço qualquer.

Em Jundiaí, na estação, encontramos um amigo e nos sentimos bastante satisfeitos pois estavamos sem nenhum recurso, embora recorressemos a um e a outro.

Ele nos disse que residia em Jundiaí e nos convidou para que fossemos para uma fazenda. Lá chegando, assistí a uma discussão tremenda, discussão travada entre esse rapaz e outros sujeitos, por causa de terras.

Ficamos com dó do rapaz e como êle estava muito nervoso, viemos ajudar á trazê-lo para essa casa. Aqui chegando, um senhor não deixou meus companheiros ficar junto dele. Para evitar que êle brigasse, ficava conversando, procurando distraí-lo. Não, não o conhecia. Vim, apenas ajudar a trazê-lo, vigiando para que não brigasse. Não sabia que havia morrido e se fiz mal a êle, não o fiz por gosto e por prazer.

Quero voltar para onde estava. Pelo menos tenho onde ficar, evitando essas caminhadas, sem destino».

—

Após agradecermos suas informações e o alentarmos com a lembrança da bondade e da grandeza de Deus, o aconselhamos para que voltasse, de facto, para o lugar onde se sentia tão bem, a espera de novas determinações desse Poder Supremo, cuja sabedoria mais uma vez constatavamos, ante aquela palestra de um *vivo* com um *morto*...

Um, sondando o país dos *mortos*, e outro, voltando ao país dos *vivos*, fornecendo indicações da sua passagem terrena!

Ah! Humanidade!

Quão feliz será quando tiver a percepção e a capacidade precisa para receber as mensagens e os ensinamentos dos reputados *mortos!*

—

Nossa observação ainda não estava completa, pois essa pobre entidade, nada mais havia sido que um simples joguete de outra ou outras entidades mais inteligentes e concientes do seu estado!

Pacientemente, esperamos por essa manifestação, pois, a-pesar-de ignorarmos os preceitos que regem o mundo espiritual, sabemos, contudo, que eles existem, pois as provas têm sido por de mais patentes para isso.

Quais seriam os designios que nos forçavam a espera?

O tempo continuou na sua marcha imutável e tivemos o prazer de vêr o nosso doente completamente restabelecido e o desprazer de vê-lo retornar ao seu lar, deixando o Sanatório.

Sim, como médico, no campo da ciência e da investigação, nos sentimos felizes por mais um resultado brilhante pela prova que juntavamos ás demais, patenteando, mais uma vez, o que sempre temos dito: — Só o Espiritismo póde curar e cura uma proporção enorme dos casos de loucura, o que a medicina dos homens não aceita, mas não consegue curar.

Era a satisfação da vitoria daquele que tem procurado defender uma causa justa e tão vilipendiada, presenciando, ainda uma vez, a capacidade e a grandeza humilde de uma pleiade de médiuns abnegados que nem mesmo sabem dar valor, por humildade e desprendimento, á manifestação, por seus intermédios, da grandeza e do poder de *Alguem* a que, só a intuição, tem capacidade de atingir...

Médiuns amigos, companheiros de todos os dias — a vossa missão é tão sublime e tão grandiosa que deponho, envergonhado, todos os meus conhecimentos e todos os meus estudos nas vossas mãos calejadas pelo trabalho arduo e pesado, curvando a minha pobre sabedoria e a minha falha ciência, ante a sublimidade do vosso parco conhecimento!

Continuai na vossa senda.

Ela é pejada de espinhos mas os benefícios que proporcionais á Humanidade sofredora e ingrata, são tantos, que eles se transformarão em alfombras sôbre as quais caminharão os vossos espíritos, quando se dirigirem ao estrado iluminado pela irradiação desse Supremo Poder que não vemos, mas pressentimos...

—

Sim, como homem, o desprazer de vê-lo partir, alegre e satisfeito, ansioso de revêr a esposa e atenuar, com beijos e carinhos, as saudades dos filhos já inquiétos pela sua ausência...

Sim, como homem, esse desprazer, pois embora vivendo dia e noite entre soluços, gemidos e lamentos, o nosso coração ainda se sensibiliza ante a tortura da partida, pressentindo a ausência e a saudade por uma criatura a quem nos ligava uma simpatia e amizade naturais... Quem sabe... cousas de existências passadas?

(Continúa).

As Relíquias do Cristo

Extrato do Boletim religioso «LE GALLICAN», dirigido pelo Bispo L. F. Giraud, patriarca da Igreja Gallicana, em Gazinet (Gironde).

Por A. DUCASSE—HARISPE.

Grande é a veneração da Igreja Católica pelas relíquias de santos. Este sentimento é muito justo e não se poderia reprovar a homenagem que se lhes tributa. Conservamos com respeito as lembranças de nossos pais. As dos santos ainda são mais preciósas. Mas que dizer então das relíquias do nosso Divino Mestre! do Cristo Jesus!

As relíquias do Cristo! Que tesouro inestimável! Mas parece-nos que uma grande circunspeção, digamos melhor, um cepticismo arrazoado, deve guiar o crente na apreciação da *autenticidade desses vestígios sagrados.* E o respeito infinito que nós lhes concedermos, se elas forem verdadeiramente autênticas, deve nos inspirar uma sábia reserva e mesmo uma justa desconfiança em face desses troféus da credulidade.

Primeiro que tudo, essas relíquias são muitas. Sem falar das túnicas sem costura de Argenteuil e de Treves, tecidas pelas próprias mãos da Virgem Maria, os sudários do Divino Salvador são em quantidade verdadeiramente desconcertante. Eis aqui uma breve nomenclatura, que não garantimos estar completa, a-pesar-de sua impressionante extensão.

Conhecemos o *Santo Sudário* de Turim, trazendo impressa, duas vezes, a imagem de Nosso Senhor visto de frente e de costas e mostrando manchas purpureadas de sangue e de aromáticos. Embora esta insigne relíquia tenha sido interpretada pela ciência — arqueologia, história, iconografia e lógica — e que os peritos a tenham examinado com toda a arte possivel, houve treze longos séculos anteriores ao ano de 1353, durante os quais não podemos seguir este sudário, e esta lacuna reduz consideravelmente o seu valor histórico.

Mas este sudário não é único. Existe o *Santo Sudário* de Cahors, com cinco manchas de sangue. Ele tem a fórma dum longo toucado que se prende sob o mento e se compõe de oito dobras superpostas em fino linho do Egito. Acredita-se que esta coifa foi uma dádiva de Carlos Magno a Cahors. Ainda hoje ela é objeto de grande veneração.

Ha, além deste, o Sudário de Bensançon, composto de dois panos unidos por costura delicada. Ele trazia a efígie de Nosso Senhor, as mãos ligadas uma a outra.

Não é só. O *Sudário de Carcassonne*, conservado na capela do hospital de Pont, com um ligeiro bordado em seu derredor.

Não nos esqueçamos do *Sudário de Mayença*, que foi doado por São Cunegundes á Santa Bithilde. Esta remeteu a metade ao bispo de Mayença para sua catedral e conservou a outro metade para seu mosteiro de Altenmunster. Esta fração é grandemente venerada na paróquia de S. Emmeran.

A lista não termina aquí. Mencionemos o *Sudário de S. João-de-Latrão*, de grande dimensão a julgar pela sua espessura, porque não no mostram senão dobrado no dia de Páscoa. O tecido, muito fino, contém fios de ouro e, naturalmente, tambem algumas manchas de sangue.

E' preciso ajuntar a esta lista pouco banal *o famoso Sudário* de Cadouin, em Périgord, muitas vezes salvo das chamas e tendo produzido numerosos milagres. Quatorze soberanos pontificais consagraram, por meio de bulas, este santo tecido á devoção — de Clemente III a Pio XI — afirmando sua autenticidade. Reis e bispos rivalizaram em zêlo com os papas: São Luiz, Carlos V, Carlos VI, Carlos VII, Luiz XI, Luiz XII protegeram e dotaram a abadia de Cadouin com rendas perpétuas.

Ajuntemos a esta lista bastante longa, a Santa Faixa de Nosso Senhor. Era uma tira de pano de que se serviram os judeus para vendar os olhos do Salvador, ao tempo da Paixão, quando o açoitavam, dizendo; «Cristo, profetiza, e dize quem te bate». Esta preciósa relíquia, da qual só resta pequena parte, sempre acompanhou o Santo Sudário de Périgord.

Alguns destes sudários sofreram desastres. Durante a Revolução francesa, o Sudário de Compiègne desapareceu sem deixar vestígio; o de Besançon, célebre por seus milagres, sofreu a mesma sorte durante aquele periodo agitado; o semi-sudário de Maiyença desapareceu do mesmo modo, no começo do século passado, quando da invasão francesa.

Quanto ao de Cadouin, o atual bispo de Périgueux, M. Louis, com uma coragem que muito o honra, acaba de relega-lo ao rol das coisas as mais profanas, pondo simultâneamente um termo ás peregrinações, aos milagres, que não tinham nenhuma razão de ser. Os dois bordados caraterísticos desta bela mortalha eram considerados a melhor prova de sua autenticidade, porque «sempre seria impossivel confundi-la com outro pano».

Ora, os mencionados bordados ostentam caracteres que foram reconhecidos como sendo arábicos! A peça, genuinamente mussulmana, data do fim do século XI, e teria vindo á França ao tempo da primeira cruzada. Edificante é a tradução destes caracteres. Que o leitor julgue por este fragmento:

«Em nome de Deus clemente e misericordioso.

«Só ha um Deus que é Allah, sem associado.

«Mahomet é o enviado de Allah. Que a benção de Deus desça sôbre *eles* e sôbre os membros de suas famílias.»

Assim, esta devoção multicentenária é devida a um erro coletivo do qual participaram papas, santos (hoje canonizados), reis, sábios, e inumerável multidão de crentes.

Ao mesmo tempo deve desaparecer da circulação o véu de Santa Ana,, mãe da T. S. Virgem, tecido conservado na catedral de Apt (Vaucluse); tecido e legenda que são parentes próximos do sudário de Candouin e mui provavelmente forjados na mesma fábrica de tecidos do Alto Egito.

Quantas relíquias existem no mundo, sem outro valor além do que lhes dá a credulidade. Um volume inteiro não seria suficiente para relatar as falsas relíquias que atravancavam os santuários da cristandade. Citemos um único exemplo, que dará ideia da amplitude das piedosas mistificações. A catedral de Oviedo, que tem sido na Espanha o centro e o coração da resistência governamental, no fim de 1936, continha relíquias realmente prodigiósas. Julguemos por esta pequena nomenclatura, talvez incompleta: lá se venera dois bocados da verdadeira cruz, um pedaço do coração de São Bartolomeu, um fragmento do túmulo de Lazaro, um dos trinta dinheiros de Judas, um fragmento da varinha de Moisés, um pedaço do pão multiplicado no deserto, um cabelo de Maria Madalena e uma sandália de São Pedro!

Não é esta simples enumeração bastante eloquênte para provocar a certeza absoluta da não autenticidade deste santo bazar?

Vê-se atualmente, na capela de Caserte, a sentença de morte contra Jesus Cristo, gravada sôbre uma placa de bronze em lingua hebraica, ha muito tempo conservada na sacristia dos Carthusianos, perto de Nápoles.

A igreja Santa-Madre-Maior, em Roma, cuja origem maravilhosa é conhecida: a própria Virgem Maria incumbiu-se de designar, por meio de extraordinária queda de neve em pleno mês de março, o local em que se deveria edificar sua igreja. Esta igreja, devido a esta circunstância, foi nomeada, no V século, pelo papa Libério: *Sancta Maria ad nives*. Ela é a venturosa depositária... das relíquias do Presépio.

Um sábio descobriu recentemente uma nova medalha com a efígie do Cristo, datando da época de Tibério. Segundo parece, até agora só eram conhecidos cinco exemplares dessa medalha.

Poderiamos prolongar indefini-

damente a lista das maravilhosas riquezas que compõem o relicário do Cristo. Não hesitamos mencionar esta que se avantaja a todas as outras: No decurso do ano de 1931, descobriu-se, na propriedade de certo cidadão de Bolbeck (Syria), num túmulo subterrâneo, uma garrafa misteriósa contendo estranho líquido. Após constatações *irrefutáveis* (naturalmente!) seria mui simplesmente o sangue de Jesus, o autêntico sangue do Salvador do mundo. Este sangue precioso ainda repousa em Beyrouth, tendo por altar o metal cromado de uma burra!

Qual a conclusão a tirar das considerações precedentes?

Amemos a Deus com todo nosso coração, com toda nossa alma, e com todas nossas forças; admiremos N. S. J. C. invisivel e presente; veneremos os santos que nos deixaram a lembrança de suas virtudes. Mas não nos deixemos influenciar por um culto material que nos levaria á idolatria, pura e simples. Professemos uma justa desconfiança pelas insignes relíquias cuja autenticidade é impossivel estabelecer: o santo sangue, a corôa de espinhos, a lança de Login, os cravos da crucificação, etc., etc. Que a sorte do Santo Sudário de Cadouin nos imponha uma sábia reserva. Que este exemplo, deixando intacta a nossa fé, nos preserve da credulidade.

Annales du Spiritisme

Crônica Estrangeira

Anunciada a venda de mais um Templo Protestante

Em Junho do ano p. findo, a Associação Espiritualista de Glasgow adquiriu, pela soma de 4 250 libras (cerca de 340:000$ papel) a magnifica igreja de St. Vincent Street. A aquisição do famoso templo, que é uma obra notável de arquitetura, prova o contínuo crescimento do Espiritismo.

Mencionada Associação, ante a impossibilidade de acomodar verdadeiras multidões (normalmente centenas de pessôas não encontravam acesso ás sessões). em seu imovel de Holland Street, via-se em face de um sério problema a resolver, quando foi posto á venda o magestoso templo que resolveu a dificuldade.

O periódico inglês, *The Two Worlds*, de 3 de Novembro, noticía o seguinte:

Posto á venda um Templo Metodista

A Igreja Metodista de Richmond Terrace, cidade de Bradford, cerrou suas portas por falta de frequência e os síndicos desejam ardentemente que qualquer entidade religiosa adquira o imovel. A Igreja está sendo oferecida pela quantia de 1.250 libras, e tem assentos para 800 pessoas. O preço inclue o orgão, recentemente avaliado em 750 libras. Aqui está, diz o periódico, uma oportunidade para os espiritistas de Bradford...

Fotografias Supranormais

Gringoire insere um artigo de M. Pierre Devaux sôbre fotografias «sobrenaturais» que *La Revue Spirite* transcreve em resumo. Temos conservado nossos leitores ao corrente das notaveis experiências «sobrenaturais» do saudoso doutor Eugenio Osty, do Instituto Metapsiquico Internacional. Osty, munido de um «olho elétrico» do tipo empregado em telesvisão, chegou a descobrir as «substâncias-fantasmas» que erram no ar em volta dos médiuns; estes sêres vaporosos, ordináriamente invisiveis aos olhos da carne, foram «vistos» pelo olho elétrico (celula foto eletrica) que registrou suas aparições sôbre o filme dum galvanômetro.

Pode-se ir mais longe. Ligando o olho elétrico, por meio de fios, a um deflagador de magnésio, consegue-se que o mesmo «fantasma» tome uma fotografia. Infelizmente, estas fotos deixam a desejar; seguramente elas mostram que não ha mistificação alguma, que nenhuma pessoa veio fraudar os aparelhos na semiobscuri-

dade do laboratório; mas as fotografias não revelam qualquer fórma flutuante, nenhuma mão material; a cena é vasia.

E, a-pesar-de tudo, essas «coisas» sem nome existem, essas mãos invisiveis que, a distância, veem deslocar objetos, atirar um ramalhete de flôres, dobrar um lenço em forma de barco, á vontade do médium Rudi Schneider!

No decurso de uma sessão, excepcionalmente visivel, Osty poude mesmo ver e mostrar a dois assistentes, uma bola de «substância cinzenta» que saía de um angulo obscuro e punha em movimento uma mesa de quatorze quilos! Mas, não obstante a instalação de raios ultravioletas, que custara uma fortuna, jamais se conseguiu fotografar o fenômeno».

O autor parece ainda ignorar a incomparavel obra de Mr. Warrick sôbre a fotografia espírita.

Fotografia «Estragada» por um «Extra»

Psychic News.

«Estou aborrecido por ter estragado seu retrato, David», desculpava-se um fotografo amador que havia tirado o retrato de David Jewson, primitivo presidente da Igreja Espiritualista Universal. Ao lado de David aparecera outra figura.

Mas Jewson reconheceu no «intruso» a pessoa de seu falecido sobrinho e o retrato do espírito foi identificado por outros membros da familia.

Casualmente Jewson colocou a foto entre as páginas de um livro e este volume, tambem por acaso, foi parar ás mãos de um colaborador do «Evening Cronicle» que ha pouco publicou a foto e sua história.

Um Livro sôbre Psiquismo

«La Revue Spirite» transcreveu de *Journal of the Americain S. P. R.*:

O Dr. Cross, engenheiro eletricista pela Universidade de Paris e antigo colaborador com o Prof. d'Arsonval, vai publicar um livro sôbre psiquismo, do qual mencionado *Journal* reproduz certas passagens.

O autor relata experiências de radiestesia realizadas no imovel de *Sydney Mail* (Australia), experiências de deslocamento sem contacto e ação a distância, o autor suspendeu-se a uma bola levitada e foi pela mesma transportado, a-pesar-de ser de 125 libras o seu peso. Houve trazimento de papeis de marca rara, passagem da matéria através da matéria (um tubo contendo 10 grs. de arsênico colocado ao lado de outro contendo 25 grs. de agua distilada acabou por passar parte de seu arsênico para dentro do tubo de agua, lacrado). Efeitos luminosos. Uma sessão de corneta tomou um caráter realmente estranho.

Em São Francisco e com o médium Harry Aldrich, diversas entidades se exprimiram em seis linguas diferentes. Uma joven francesa tomou a palavra através da trombeta, ao mesmo tempo que um estudante inglês, morto de laringite (tuberculose) deu provas perfeitas de sua identidade. Convidada, a joven francesa, a repetir o que havia dito, ela o fez na giria do bairro em que vivera.

Um conjunto de factos que muito perdem em simples resumo.

Da Sobrevivência

Ricerca Psichica.

...a sobrevivência após a morte agora se transformou numa contingência *pensavel*, digamos mesmo, tornou se um evento presumìvel. Entra no campo da física e da fisiologia e está admitido no domínio da ciência. A alma tornou se mensuravel e pode ser pesada, e só requer instrumentos apropriados para se tornar tão familiar e tratavel quanto o organismo físico. Que esta seja uma concessão materialista não é uma objeção válida, porque, se toda matéria é dotada de vida, a alma difere da matéria ordinária porque sua vida escapa a nossa análise.

... Não nos devemos atormentar, portanto, pelo destino dos sêres amados Eles foram desfrutar um prazer mais delicado, uma realização mais viva de sua infinita possibilidade, livres da ponderosa argila que atravanca o caminho e retarda nossa jornada. Eles habitam em outro reino ora invisivel aos nossos olhos, mas que não está longe e para eles não existe obstáculo intransponivel entre aquele e o nosso. Quando chegar o momento de

a eles nos reunirmos, nada obsta a que apareçam ante nossos olhos na fórma que amamos, e que podem conservar; e eles permanecerão á nossa cabeceira para nos conduzir á nossa morada mais feliz.

E. Fornier d'Albe.

Evitado um acidente ferroviário ?

Psychic News.

Um leitor comunica o seguinte:

Um dos assistentes do círculo familiar de Vancouver é ferroviário. Apresentou se um espírito, ao qual o assistente respondia repetidamente: «Sim, compreendo».

Terminados os trabalhos, êle declarou que um espírito lhe dissera haver uma *falha* na linha marginal, sómente usada em certas épocas do ano.

Ele foi inspecionar a linha e verificou que o gelo provocara a ruptura de um trilho, no ponto particular indicado pelo espírito. Se a falha não tivesse sido remediada, a primeira locomotiva teria descarrilado.

A informação, declarou o recipiente, sómente poderia ser fornecida por um ferroviário «morto».

Uma criança de 4 anos que se recorda de sua vida anterior

Light transcreve o seguinte de *East and West* (India):

A história de uma menina de 4 anos que revela factos de sua vida precedente nos é relatada pelo próprio pai, Mr. Nand Lal, Oficial Superitendente, Fatehpur.

A História começa no momento em que a criança articula suas primeiras palavras, Mr. Lal diz que, quando êle habitava em Allahabad, sua filhinha sempre chorava ao pensar em sua antiga família. Mais tarde, quando transferido para Fatehpur, a criança reconheceu, certo dia, a casa em que vivera, e contou sua história, e todos os detalhes foram corroborados pelas pessoas da vizinhança. Ela relatou os factos referentes á precedente existência, seu casamento, a morte do marido verificada em Allahbad, recusando por outro lado, segundo costume hindú, proferir o nome do esposo. Toda esta história foi narrada em seus mínimos detalhes e a menina reconheceu muitas senhoras das relações de seu pai, particularmente a que era portadora de seis dedos em uma das mãos, e essas mulheres, por seu lado, pensam que a criança não é outra senão a mesma Peshkarim que vivia na casa presentemente ocupada por Mr. Lal em Fatehpur.

«A mulher dum brahmane, curiosa por ver a menina, foi imediatamente pela mesma reconhecida como sendo a senhora a quem, pouco antes de morrer, legara seus ídolos. Tudo era perfeitamente exato, e a mulher brahmane levou a menina a Allaa-bad para lhe mostrar os ídolos. Ambas oraram e ofereceram perfumes aos mesmos.

O Mistério das Cruzes enterradas na Califórnia

O *Journal of the Ameican S. P. R.* consagra algumas páginas interessantes á análise do livro de Mr. Hamlin Garland, sôbre o assunto, de que *La Revue Spirite* nos fornece o seguinte resumo:

Gregoty e Violet Parent, por indicação de *espíritos*, exumaram para mais de 800 cruzes enterradas na Califórnia, dentre as quais algumas cristãs, mas a maior parte com cabeças de animais. Feita a evocação dos espíritos de índios do século XVI e de missionários, pelo médium Parent os mesmos *espíritos* indicaram sinetes de ouro que remontam a mais de 50 anos, que efetivamente foram encontrados. Foi então que Mr. Garland tentou, mediunicamente, descobrir novas cruzes enterradas. Ele o conseguiu, pois foram exumadas mais 18 cruzes, graças ás indicações das «vózes» do médium Mrs. Williams, com a qual êle realizou sessões, sem que ela compreendesse o sentido de suas perguntas, mas as respostas foram ouvidas por todas as testemunhas. As 818 cruzes teem uma origem misteriósa, que vai provocar animados debates. Mr. Garland compulsou a história da Califórnia e afirma já estar de posse de documentos que provam a existência da Cruz, entre os índios—facto até hoje ignorado por todos os missionários cristãos—muito antes da chegada dos conquistadores europeus.

Notas e Factos

Sir Conan Doyle Retornou !

The Two Worlds

Em «East Anglian Daily Times» Mr. Denis Conan Doyle reage a uma assertiva de Harry Price, que disse: «Em minha opinião, não ha prova digna desse nome que alguem, em qualquer tempo, tenha conversado com Conan Doyle depois de sua morte.»

Mr. Denis C. Doyle diz: «Mr. Price dá grande apreço á sua opinião pessoal, embora o valor dessa opinião seja passível de discussão, e eu me insurjo completamente contra o sentimento que exprime. Estou em condições de assegurar aos vossos leitores que meu pai forneceu a mim e a todos os membros de sua família, evidência esmagadora e provas indisputáveis de sua persistente existência individual, e do facto de continuarem tão pronunciados, como sempre o foram, o amor á sua família e o interêsse no bem estar dos mesmos. O que eu afirmo não é uma questão opinativa; eu pessoalmente me responsabilizo pelos factos.»

Mr. Conan Doyle tambem replicou, em «the Hertfordshire Mercury» a o utra exposição tendenciosa, nestes termos: «Minha atenção foi despertada por uma declaração feita em vosso jornal pelo padre Knapp, o sacerdote conjurador, concernente a meu pai, o falecido Sir Conan Doyle.

O padre Knapp cometeu a lamentavel imprudência de dar a público uma assertiva em que quer atribuir isto a meu pai: «99 percento dos médiuns são mistificadores.» E' esta uma contorção tão monstruosa da verdade que está a exigir uma refutação autoritária e peremptória.

«A afirmação positiva que meu pai fez e que o padre Knapp achou ajeitada a ser retorcida, de modo a se tornar irreconhecivel, foi: «mesmo que 99 percento dos médiuns fossem fraudes, o único percento remanescente seria suficiente para fornecer a prova da sobrevivência após a morte e a possibilidade das comunicações póstumas.» Meu pai considerava mínima a percentagem de médiuns fraudulentos, mas, naturalmente, reconhecia sua deplorável existência ; efetivamente, êle mesmo se tornou instrumento denunciador de divérsos médiuns fraudulentos e sempre condenou a *mediunidade fraudulenta* em termos os mais energicos.

«A urdidura de uma declaração falsa que se atribue a um homem que já não vive para se defender, é uma ação desprezivel e repulsiva.

De vosso siceramente, Denis P. S. Conan Doyle.»

Um acontecimento histórico na Escócia

Psychic News

Os pioneiros espiritualistas escoceses, ora trasladados ao mundo dos espíritos, devem ter experimentado grande regosijo no domingo passado. A dedicação da Igreja de St. Vincent Street, comprada por 4.250 libras, para a nova séde da Associação Espiritualista de Glasgow, foi um tributo aos seus labores.

Mencionada Associação deve a sua existência a um panfleto, escrito ha mais de 70 anos por James Bain, que se tornou Lord Preboste de Glasgow.

Depois de publicado o conteúdo do panfleto, que tratava de experiências do autor em sessões realizadas em Londres, 30 espíritas se congregaram e resolveram fundar uma sociedade em Glasgow.

Um memorial, publicado em conexão com os trabalhos de abertura da cerimônia de dedicação, recorda nomes de pioneiros escoceses pertencentes ás paginas da história psìquica—James Coates, conhecidissimo por suas investigações em fotografia espírita, David Duguid, notável médium pintor, James Roberts, que conduziu o Espiritismo por mais de 20 anos, e Mr. e Mrs. Wallis, célebre médium.

A Séde Primitiva

Peter Galloway é outro nome honrado, pois seu entusiasmo era um fator importante no sucesso do Espiritismo em Glasgow. O desejo da associação de possuir casa própria, realizou-se em 1923. Peter Galloway, que consagrou muitos anos ao seu projeto, faleceu três dias após o lançamento da pedra fundamental.

A-pesar-de possuir, o centro, acodações para 600 pessoas, êle se tornou insuficiente para as multidões que vinham de tropel ás sessões dominicais.

Espaço para 1.500 pessoas

Cerca de 1.500 pessoas encontrarão acomodações na Igreja de St. Vincente Street. O facto de terem os espiritualistas adquirido um templo, que a ortodoxia foi forçada a vender devido ao declínio da congregação, é um indício do contínuo crescimento do Espiritismo.

O serviço de dedicação foi presidido pelo Rev. George Sharp, ministro Congregacional de Sheffield. Helen Hughes, esplêndido e popular médium escocês, deu demonstrações de suas faculdades psíquicas. O ministro correu a cortina e descobriu uma placa de bronze com a seguinte inscrição:

«Esta Igreja foi dedicada á adoração do Espirito Eterno, em 19 de Novembro de 1939, pelo Rev. George Sharp, em presença de Mrs. Helen Hughes, médium, W. T. Shields, Presidente, o conselho e uma multidão de visiveis e invisiveis».

Aventura de um Frade

Da muito bem orientada revista alemã Zeitschrift für Metapsichische Forschung» extraímos o seguinte relato do frade dominicano hespanhol Cypriano Bravo, que se achava em missão na China:

«Com o avanço dos Vermelhos em 1933 fiquei preso. Observei então uma coisa singular, — esses comunistas faziam as suas sessões espìritas e nessas sessões claramente ouvi vozes que não provinham dos assistentes. Ainda mais surpreendido fiquei, relata o frade, quando os oficiais, que desconheciam em absoluto a lingua espanhola, chegaram a falar, nessas ocasiões, correntemente o espanhol. Referiram-se a espanhoes os quais o frade conhecia pessoalmente; tão perfeitas eram estas comunicações, que mesmo os respectivos dialetos sobresairam com clareza.»

Poder-se-ia atribuir o facto a uma influência satânica?!... Bem prudentemente o frade silencia sôbre este ponto!

Porém, o mais curioso do relato é o seguinte, que, o frade deve a sua libertação graças á essas sessões espìritas. O general Mao Chutung trata de inquirir o médium. A resposta foi, que soltasse o preso. Resistência do general, que alega ser o frade um adversario do comunismo e por este motivo deve ser morto. Mas a entidade espiritual adverte o general, através do médium, que de nenhuma forma deve ser morto o frade mas sim, posto em liberdade. Novo aparte do general, frisando que o frade não acredita no espiritismo; o médium, porém, insiste na soltura do preso.

Tambem sôbre isso, o frade não dà nenhuma explicação; relata sómente os factos.

Chegando finalmente a essa altura, o frade é levado á presença do comandante geral, o qual o declarou livre e mandou entregar ao frade Bravo, um passa-porte e mais instruções sôbre o caminho que devia seguir.

Depois de 5 dias de marcha a pé o frade se encontrou em segurança.

Prenúncio de Morte

Ricerca Psichica

Apendice do Prof. Carlo Del Longo

Não presenciei o fenômeno principal, mas tendo acorrido imediatamente e havendo colhido os testemunhos das quatro pessoas presentes, posso confirmar a veracidade dos factos e a exatidão do relato feito pela senhorita P. C. que da ocorrência conservou viva e clara lembrança. O arremesso *contemporâneo* dos dois vasos de cima da sacada da janela, sem nenhuma causa física natural, constitue um fenômeno não só supranormal, mas ainda excepcional por insólito e audaz. A breve sessão realizada na mesma tarde confirmou o já suposto caráter telepático do fenômeno; indicando as pessoas interessádas, tio e sobrinho, dos quais um falecido, e a intenção de indicar a senhorita Inêz; com o prenúncio da carta, não esperada, que já então deveria estar em viagem e que, dia seguinte nos trouxe a notícia da morte da jovem.

O desprendimento da cortina e seu movimento em direção da snrta. Inêz, poderia ser considerados um caso fortuito, se isolado; mais razoavelmente, foi esse o princípio do fenômeno para chamar a atenção da dita jovem; não produzindo

o desejado resultado, foi seguido daquele ruidoso vôo de dois vasos. Os dois fenômenos associados ou não, produziram-se quando a snrta. P. C. entrou no aposento; portanto deve-se supôr que esta com sua força psíquica, unida a da snrta. Inêz, havia contribuido á produção do fenômeno.

A única relação psíquica entre os presentes e a entidade agente é a acima exposta, ou seja indireta e um tanto excepcional. Não se compreende fácilmente porque esse jovem quís manifestar-se de modo tão estranho a uma snrta. que lhe era desconhecida; entretanto a notícia de sua morte chegaria rapidamente.

Pode-se ainda perguntar porque os vasos não foram atirados no interior do aposento, obtendo, sem perigo, o mesmo efeito de surpresa. O facto de ter sido inócua a queda no pátio, pode ter sido casual ou providencial; mas é mais lógico supor que a entidade agente havia escolhido o momento mais oportuno, quando o pátio subjacente, quasi sempre frequêntado, especialmente por meninos, estava absolutamente deserto.

A Casa de Campo de Hydesville

The National Spiritualist

Por ocasião do nonagesimo primeiro aniversário do Espiritismo moderno, o Rev. Louis A. Ward recordou em editorial que o Espiritismo, fundamento de todas as religiões, é velho como o mundo. Swedenborg Wesley, Robert Dale Owen, Andrew Jackson Davies, e muitos outros, conheceram fenômenos espíritas e receberam mensagens espíritas antes de 1848. Mas nessa data, realizaram-se grandes transformações sociais: Igualdade cívica da mulher, abolição da escravatura, necessidade em religião não mais de *crer* mas de *saber*. Foi então que em casa da família Fox (Hydesville), se repetiam as notificações do Além, até então apregoadas como indesejaveis pela mistificação clerical, que afirmava tratar-se de arte diabólica infundindo nas ovelhas o terror ante as caldeiras do inferno. Daquela manifestação moderna do Espiritismo deveria nascer um movimento mundial cujo progresso é quotidiano e irresistivel. A «Congressional Library» de Washington conta 850 obras espíritas; a biblioteca de London Spiritualist Alliance contém 3.000 vols. espíritas —,dentre os quais um só livro: *A Sobrevivência da Personalidade Humana* basta para provar a existência do Além. Buckley, em sua História da Civilização, diz; «Se a Imortalidade não fôr a mesma verdade, pouco importa que o resto seja verdade ou não.»

A cabana de Hydesville foi desmontada e reconstruida no campo espírita americano de Lily Dale. Todos os anos, milhares de curiosos de todas as partes do mundo, vão visitar essa humilde habitação na qual os espíritos fizeram, em 1848, ruidosamente, a prova material e moral de sua sobrevivência após o fenômeno transitório da morte.

Nossa sucursal na Capital

Levamos ao conhecimento de nossos assinantes residentes na Capital, que o confrade Eduardo Aidar foi efetivado no cargo de representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», estando, portanto, com plenos poderes para tratar de assuntos referentes a essas publicações, tais como angariar e proceder a recebimentos de assinaturas. O confrade Eduardo Aidar pode ser procurado no Centro Espírita «Luz e Caridade», Rua Visconde Parnaíba, 912, todas as terças, quartas, quintas e sextas-feiras, das 19 1/2 ás 20 horas, e diariamente, á rua 25 de Março, 835, sobr., das 8 ás 18 1/2 horas.

Fica assim estabelecida a nossa sucursal na Capital.

E'cos e Notícias

ALEMANHA

Dr. Emil Mattiesen

Desincarnou, aos 64 anos de idade, o Doutor em Filosofia Emil Mattiesen, conhecido naturalista e autoridade em psicologia religiosa. Terminado o seu curso, visitou demoradamente a Asia onde estudou as linguas asiáticas, para se aprofundar nas religiões dos indús. Foi á America e á Inglaterra para estudar os trabalhos sôbre o «homem transcendental» e a «sobrevivência da personalidade humana».

Na Alemanha, trabalhou ao lado dos célebres investigadores psíquicos: von Schrenk Notzing, Joseph Peter, Alexander Aksakof, Max Seiling etc.

Ainda a Estigmatizada Thereza Neumann

O Dr. Hynek reafirma, em Catholic Medical Guardian, a autenticidade dos estigmas de Thereza Neumann, presentemente sob contrôle eclesiástico.

INGLATERRA

Estelle Roberts contemplada num testamento

Mrs. B. Musmann, falecida em fevereiro do ano p f., deixou um legado de 500 libras ao conhecido médium Estelle Roberts, «como um insignificante tributo ao grande trabalho que ela tem realizado em benefício da humanidade».

A falecida frequentemente presidia ás sessões de Estelle Roberts em AEolian Hall.

Demonstrações na Africa Austral

Mrs. Mc. Callum, conhecido médium escocês alcançou enorme sucesso nas demonstrações de sua faculdade psíquica durante sua estadia na Africa, principalmente em Cap Town e Durban.

Nova Secretaria Psíquica

A Sociedade Espiritualista de Chelmsfórd está organizando um bureau de informações espiritualistas para Essex. Ele se propõe a registrar todos os centros, com informação administrativa, nomes e endereços de oradores locais e médiuns, com detalhes de seus dons psíquicos...

AMERICA DO NORTE

Um médium de três anos

A América possue um médium de três anos que, aos 18 meses de idade, começou a transmitir notáveis predições. E' filha do casal Harry Harding, de Pensylvania e a história foi divulgada em *Psychic Observer*. Ela tem ditado, sobretudo á noite, mensagens de um espírito que se denomina «Entidade» e as profecías foram universalmente registradas antes de se cumprirem.

Campos Espíritas

No ano próximo findo, funcionaram, nos Estados Unidos, uma quinzena de «campos» espíritas. O Canadá inaugurou o seu primeiro «campo espírita». Sem dinheiro algum no ano passado, os espíritas de Ontário já compraram 125 acres de terreno e 45 a 50 casas de campo estão sendo alí construidas.

VENEZUELA

Curioso Epitáfio em Caracas

Evolucion descobriu, no Cemitério do Sul de Caracas, este curioso epitáfio:

«Cristina — Dormes o teu sôno eterno, querida filha... Mas sempre nos lembras que tua alma foi o raio de sól com o qual Deus quís avivar a nossa esperança.

«Quiseste retomar o caminho do céu. Lembra-te, pois, que, ao partires *falaste da tua breve reincarnação.*

«Não te esqueças de nós que te choramos e te *esperamos*».

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Revista saúda a todos seus colaboradores, assinantes e representantes cuja solidariedade agradece e a todos augura um ano pródigo em bençãos espirituais.

Que o decênio que óra surge possa assistir agregadas todas as energias visando a vasta disseminação do Espiritismo, o consolador prometido por Jesus, o único capaz de arrancar o mundo do cáos em que ainda se debate.

Aos Espiritistas está afeta a tarefa de tornar o Brasil o «Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho».

Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas

Os jornalistas e escritores espíritas, reunidos na Capital Federal, de 15 a 25 de Novembro passado, tendo em vista os assentos debatidos nas reuniões do mesmo Congresso e nas brilhantes teses apresentadas, votaram as seguintes resoluções:

1.ª — declarar que, amigo da Ordem e da Paz, empreendedor e realizador, o Espírita é tão patriota e tão digno como os que mais o sejam dentro do conjunto de homens que constituem a Pátria, a qual não é por êle tomada apenas no sentido geográfico, no seu esforço de mante-la bem alto no conceito dos povos, dos quais se reputa irmão, pela origem e pela finalidade, ocorrendo-lhe, porem, o dever a que não fugirá, e nunca fugiu, de defende-la, por todos os meios, quando ameaçada nos seus direitos, quaisquer que eles sejam.

2.ª — Sugerir, preconizar, recomendar, a organização, no Rio de Janeiro, de uma associação de jornalistas e escritores espíritas, na forma que fôr julgada mais viavel e eficiente, para o fim de promover e intensificar o intercambio de jornais e revistas e do noticiário referente ao movimento espírita no Brasil.

Organizada essa Associacção o atual Congresso entregar-lhe-á tudo quanto ao mesmo se referir, incumbindo-lhe manter a exposição de jornais, organizar os futuros congressos e fazer imprimir os anais do atual.

3.ª — Recomendar conjuguem esforços, não só os jornalistas, que devem ser os orientadores da opinião publica, como tambem as melhores organizações espíritas, no sentido de que não seja permitido pelas autoridades publicas a organização de agremiações espìritas que pretendam fazer sessões públicas sem que sejam os seus dirigentes julgados perfeitamente idoneos intelectual e moralmente, como tal reconhecidos no meio espírita e no conceito publico pelo seu passado.

4.ª — Recomendar se empreguem esforços para que os que teem a seu cargo a divulgação da doutrina, não só nos jornais e revistas pertencentes ás associações espíritas, como nas colunas dos jornais ecléticos se limitem, tanto quanto possivel, aos postulados da mesma e ás suas obras basilares, esforçando-se todos, para que não haja guarida nos jornais para as campanhas deprimentes, nem para a colaboração imprestavel.

Para a seleção dos colaboradores espíritas na imprensa, recomenda aos jornalistas espíritas o registo, no Serviço de Identificação Profissional do Departamento Nacional do Trabalho, como «jornalistas não profissionais», permitido pelo decreto-lei n. 1.698, de 23 de outubro do corrente ano, já regulamentado pelo Ministro do Trabalho, conforme portaria publicada no Diario Oficial.

5.ª — Concluir que o Espiritismo, tal como é praticado e compreendido no Brasil, orientado como se acha pela codificação kardeciana e servindo ao Evangelho, na difusão das leis do Amor, do Perdão e da Caridade, colimando a Fraternidade, para o que não se lhe pode traçar limites á evolução, não pode deixar de ser encarado no seu tríplice aspecto—científico, filosófico, religioso—e, como tal, se torna digno do respeito dos homens e merecedor do mesmo acatamento que a imprensa dispensa aos demais ramos filosóficos e credos religiosos.

(Conclúe no próximo número).

1/46